

Experiências anarquistas no Brasil (1918-2018)

Com o fito de contribuir para as pesquisas debruçadas sobre a influência do pensamento social anarquista na formação da classe trabalhadora brasileira, a revista *Espaço Acadêmico* traz a lume, nesse mês em que celebramos o centenário a “Insurreição Anarquista de 1918”, o dossiê *Experiências anarquistas no Brasil (1918-2018)*.

Para tanto, reunimos seis artigos que versam sobre estratégias de luta social que, circunscritas basicamente num espaço de tempo compreendido entre as greves fluminenses deflagradas em novembro de 1918 e as chamadas “jornadas de junho de 2013”, permaneceram ancoradas nos princípios de “ação direta” e “apoio mútuo” reivindicado pelos defensores da acracia.

Enquanto Rogério Zeferino Nascimento oferece um robusto artigo sobre a influência dos postulados do anarquismo sobre as manifestações populares desencadeadas ainda nas primeiras décadas do século XX, período significativo para o florescimento do pensamento social no Brasil, Kauan Willian dos Santos e Antonio Machado examinam, em seus respectivos trabalhos, fenômenos sociais que tanto reforçam as proposições de Zeferino quanto acrescentam questões relativas do apagamento da influência dessa parcela do pensamento político e social sobre a organização dos trabalhadores.

Nessa perspectiva, o estudo de Kauan dos Santos sobre o Congresso Internacional da Paz e o Congresso Anarquista Sul Americano, complementa o escopo proposto por Antonio Machado acerca do influxo entre a greve dos marítimos e o processo insurrecional de 1918, de tal modo que essas duas pesquisas demonstram o viés internacionalista do movimento anarquista e sua capilaridade entre o operariado brasileiro.

Disposta a ampliar tais argumentos e sublinhar a desatenção da historiografia em relação à centralidade do anarquismo na organização do movimento operário nacional, Samanta Colhado ilumina a contribuição das militantes Elvira Boni, Maria Allas, Victoria Guerreiro, Angelina Soares, Maria Antonia Soares, Matilde Soares, Pilar Soares, Paula Soares, Sofia Loise, Encarnación Mejias, Esperança Maestre e Ana de Castro Osório, entre tantas outras mulheres cuja atuação atesta a contribuição feminina para as experiências libertárias no Brasil.

Por outro lado, numa análise mais próxima do tempo presente, Rafael Viana mensura o alcance da articulação entre anarquistas gaúchos, paulistas e fluminenses em torno da fundação do Movimento Estudantil Libertário (MEL), assim como a amplitude das ações desenvolvidas por esse coletivo durante a década de 1960.

Encerrando o dossiê, Selmo Nascimento interpreta a greve dos funcionários da Companhia Municipal de Limpeza Urbana a partir de uma perspectiva ancorada no paradigma “liberdade-autoridade”, dialética elaborada pelo pensador francês Pierre-Joseph Proudhon. Assim, ao abordar o movimento paredista deflagrado na cidade do Rio de Janeiro em 2014, o autor nos oferece uma reflexão sobre o ciclo de greves que se seguiram às “jornadas de junho de 2013”, na qual se

destaca o protagonismo das trabalhadoras e trabalhadores negros.

Espera-se, pois, que o presente dossiê contribua para a compreensão do anarquismo e sua inserção no contexto político, econômico e social do Brasil enquanto patrimônio da classe trabalhadora. Perfilado aos autores, desejamos uma boa leitura.

Dr. Rogério de Castro
Professor do Colégio Pedro II
(Organizador)